



## Aperfeiçoamento das Redes Dialéticas

### Improvement of Dialectical Nets

Frank Thomas Sautter\*  
ftsautter@ufsm.br

**Resumo:** Sautter (2023) introduziu as Redes Dialéticas, uma ferramenta para a representação da argumentação resultante de uma discussão crítica. Nelas não havia diferença representacional entre uma ação (ataque ou suporte) relativa a um argumento e uma ação relativa a uma asserção, o que não é totalmente satisfatório. Apresento uma versão aperfeiçoada em que utilizo as mesmas primitivas representacionais para distinguir claramente ações relativas a argumentos de ações relativas a asserções.

**Palavras-chave:** Argumentação. Diagramas. Dialética formal.

**Abstract:** Sautter (2023) introduced Dialectical Nets, a tool for representing the argumentation resulting from a critical discussion. In them there was no representational difference between an action (attack or support) relative to an argument and an action relative to an assertion, which is not entirely satisfactory. I present an improved version in which I use the same representational primitives to clearly distinguish actions relative to arguments from actions relative to assertions.

**Keywords:** Argumentation. Diagrams. Formal dialectic.

Recebido em: 17/03/2025.

Aprovado em: 19/05/2025.

Publicado em: 08/12/2025.

## 1 Introdução

A avaliação de um argumento no âmbito da Lógica Formal ignora a relação do argumento com outros argumentos produzidos no mesmo contexto,<sup>1</sup> o que resulta na sua insuficiência para uma avaliação completa da argumentação produzida em uma discussão crítica.<sup>2</sup> Essa demanda por instrumentos complementares de avaliação produziu uma rica literatura de esquemas de anotação de argumentação, ou seja, ferramentas, geralmente diagramáticas, com as quais é possível representar adequadamente a estrutura interna de um argumento e a relação de um argumento com outros argumentos produzidos no mesmo contexto. Peldszus e Stede (2013) apresentam o estado-da-arte de tais esquemas de anotação de argumentação.

Sautter (2023) introduziu as Redes Dialéticas, um esquema de anotação de argumentação que compõe-se de um núcleo reduzido e



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

\* Universidade Federal de  
Santa Maria.

1 Uma situação típica é aquela em que um argumento é produzido como reação a um argumento em que se objeta a uma dada asserção, ou seja, um argumento defensivo em resposta a um argumento de ataque.

2 Van Eemeren e Garsen (2022, p. 238) definem uma discussão crítica como uma troca argumentativa mediante a qual uma diferença de opinião pode ser resolvida. "Argumentação", nesse contexto, designa a totalidade dos argumentos produzidos em uma discussão crítica.

intuitivo de primitivas representacionais. Sautter (2024) utilizou as Redes Dialéticas para representar a argumentação em torno da Tese da Aplicabilidade dos Princípios Lógicos ao Direito, compilada e discutida por Hans Kelsen (1965). Embora a ferramenta cumpra adequadamente a sua função, havia que se ter cuidado na interpretação das representações produzidas, porque, nessa versão original das Redes Dialéticas, não há distinção entre uma ação (ataque ou suporte) relativa a um argumento e uma ação relativa a uma asserção.

Neste trabalho utilizo as mesmas primitivas representacionais da versão original das Redes Dialéticas para produzir uma versão aperfeiçoada delas, uma versão em que ações relativas a argumentos são claramente distinguidas de ações relativas a asserções.

A seguir apresento, de forma breve e exemplificada, a versão original das Redes Dialéticas, em sua versão diagramática (Seção 3) e em sua versão não-diagramática (Seção 4). Na Seção 5 apresento a nova versão, a versão aperfeiçoada das Redes Dialéticas, em sua versão diagramática (Subseção 5.1) e em sua versão não-diagramática (Subseção 5.2). Utilizo os mesmos exemplos nas seções para destacar as semelhanças e os contrastes entre as versões. Na Seção 6 apresento um exemplo de argumentação real anotada na nova versão das Redes Dialéticas. Nas “Considerações Finais” teço alguns comentários sobre a modularidade das Redes Dialéticas, ou seja, sobre a existência de um núcleo de primitivas representacionais, comum a todas as aplicações das Redes Dialéticas, ao qual podem ser acrescentadas novas primitivas representacionais conforme o propósito em vista.

## 2 A versão original das Redes Dialéticas

As Redes Dialéticas visam a representação adequada da argumentação produzida em uma discussão crítica, por isso suas primitivas representacionais foram selecionadas a partir daquilo que é essencial a uma discussão crítica. Toda discussão envolve ao menos dois agentes<sup>3</sup>, frequentemente denominados “Proponente”, ou seja, o agente que propõe uma asserção para discussão, e “Oponente”, ou seja, o agente que se opõe à asserção proposta pelo Proponente. Oponente e Proponente realizam asserções e as Redes Dialéticas refletem isso no seu primeiro par de primitivas representacionais, a saber, a representação das asserções do Proponente e a representação das asserções do Oponente. Contudo, essas asserções não estão isoladas umas das outras; à exceção da asserção inicial do Proponente, as demais asserções visam o suporte, a defesa de asserções previamente dadas, ou o ataque a asserções previamente dadas. Por isso, o segundo par de primitivas representacionais diz respeito a essas ações realizadas por Proponente e Oponente: ações de ataque e ações de defesa (suporte). Há a necessidade de introduzir uma quinta primitiva representacional para distinguir dois modos de ataque e de defesa – o modo de acoplamento e o modo de multiplicidade –, mas disso tratarei em maiores detalhes a seguir.

Há uma versão diagramática das Redes Dialéticas (o diagrama dialético) e há uma versão não-diagramática das Redes Dialéticas (o grafo dialético); eu as apresentarei nas duas próximas seções.

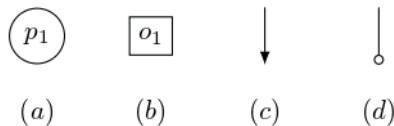
## 3 O diagrama dialético

A Figura 1 apresenta as quatro primeiras primitivas representacionais das Redes Dialéticas em sua versão diagramática. A Figura 1(a) representa a asserção  $p_1$  por parte do Proponente e a Figura 1(b) representa a asserção  $o_1$  por parte do Oponente.<sup>4</sup> A Figura 1(c) representa uma ação de defesa (suporte); no topo da flecha estarão localizadas as asserções que defendem e na base da flecha estará localizada a asserção

3 Sautter (2023, p.3) esclarece que, sob certas condições bastante razoáveis, toda discussão crítica que envolva mais de dois agentes pode ser cindida em múltiplas discussões críticas em que atuam somente dois agentes.

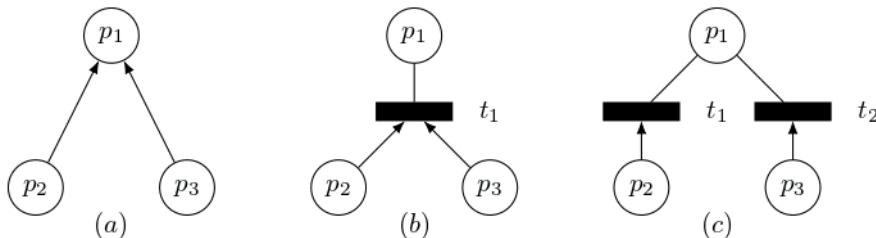
4 Semelhantemente, a asserção  $q$  por parte do Proponente será representada por um círculo no interior do qual se encontra  $q$ , e a asserção  $r$  por parte do Oponente será representada por um quadrado no interior do qual se encontra  $r$ .

defendida;<sup>5</sup> por exemplo, na Figura 2(a) a asserção  $p_2$  defende a asserção  $p_1$ . A Figura 1(d) representa uma ação de ataque.<sup>6</sup>



**Figura 1**  
Representação diagramática dos agentes e das suas ações  
Fonte: Elaboração própria

Grosso modo, o que se tem até o momento, na linguagem da Teoria dos Grafos, é um grafo com dois tipos de vértices (as asserções de Proponente e as asserções de Oponente) e dois tipos de arestas (ações de ataque e ações de defesa). Há, contudo, ambiguidade em certas combinações destas primitivas representacionais, o que exigirá a introdução de um terceiro tipo de aresta (modos de ação). A Figura 2(a) exemplifica o tipo de ambiguidade que precisará ser sanada; as asserções  $p_2$  e  $p_3$  defendem a asserção  $p_1$ , mas a representação não deixa claro se esta defesa é conjunta ou é separada. A introdução de transições<sup>7</sup> resolve a ambiguidade: na Figura 2(b) está representado o modo acoplado, ou seja, há uma única defesa, representada pela transição  $t_1$ , em que  $p_2$  e  $p_3$  atuam em conjunto; enquanto que na Figura 2(c) está representado o modo múltiplo, ou seja, há duas defesas, representadas pelas transições  $t_1$  e  $t_2$ , em que atuam, respectivamente,  $p_2$  e  $p_3$ .



**Figura 2 - A necessidade de transições**  
Fonte: Elaboração própria

Vejamos dois exemplos reais representados em Redes Dialéticas em sua versão diagramática.

O primeiro exemplo é uma objeção ao Argumento Cético da Antevisão Divina denominada “Solução do Fiador” (Matthews, 2007, p. 151-153).

As asserções do Argumento Cético da Antevisão Divina são as seguintes:

- $p_1$ : Se Deus antevê que Adão pecará, então é necessário que Adão peche.
- $p_2$ : Se é necessário que Adão peche, então Adão não peca por sua própria vontade.
- $p_3$ : Se Adão não peca por sua própria e livre vontade, então ele não é censurável por seu pecado.
- $p_4$ : Adão é censurável por pecar.
- $c$ : Deus não antevê que Adão pecará.

5 A base da flecha refere-se ao extremo em que se encontra a ponta da flecha, enquanto que o outro extremo é referido como o topo da flecha; no jargão computacional, eles são denominados, respectivamente, “cabeça” e “cauda”.

6 A convenção da nota de rodapé anterior vale, *mutatis mutandis*, para uma ação de ataque, ou seja, o que se entende por base (cabeça) e topo (cauda) da representação de uma ação de ataque, e o sentido do ataque, a saber, das asserções no topo (cauda) para a asserção na base (cabeça).

7 “Transição” é um termo emprestado das Redes de Petri. Ver, por exemplo, (Reisig, 2013).

A Solução do Fiador é dada pela asserção  $o_1$ : se é necessário que Adão peche por seu livre-arbítrio, então Adão peca por seu livre-arbítrio.

A Figura 3 apresenta o Argumento Cético da Antevisão Divina e a Solução do Fiador em versão diagramática. O Proponente assere  $p_1$ ,  $p_2$ ,  $p_3$  e  $p_4$  em defesa, de modo coordenado, da asserção  $c$ ; este é o Argumento Cético da Antevisão Divina. Já o Oponente ataca a asserção  $p_2$  mediante a asserção  $o_1$ ; esta é a Solução do Fiador.

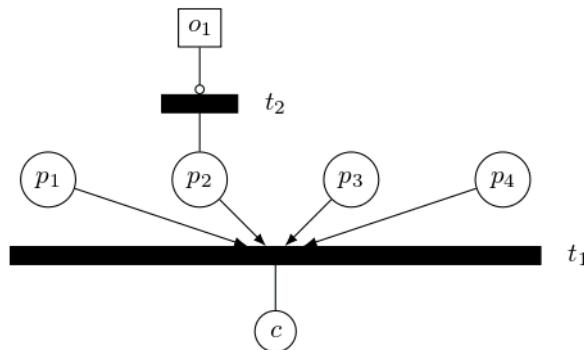


Figura 3 – Representação diagramática da Solução do Fiador

Fonte: Elaboração própria

Na Solução do Fiador o ataque do Oponente é a uma asserção ( $p_2$ ); já na Solução da Colocação Modal (Matthews, 2007, p. 156-159) o ataque do Oponente é ao próprio argumento, ou seja, o Oponente nega a validade do Argumento Cético da Antevisão Divina. Na Figura 4 este ataque é representado com o ataque da asserção  $o_2$  à transição  $t_1$ , em que  $o_2$  é a asserção de que se o escopo do operador modal de necessidade é o consequente da condicional, o argumento é válido (uma combinação de silogismos hipotéticos e *modus tollens*), mas a asserção  $p_2$  é falsa; e se o escopo do operador modal de necessidade é a condicional como um todo, a asserção  $p_2$  é verdadeira, mas o argumento é inválido.

Esta representação do ataque a um argumento é em tudo semelhante a um ataque a uma asserção, e, embora não cause maiores problemas, o ataque pode ser melhor representado. É o que farei nas próximas seções. Antes, porém, apresentarei a versão não-diagramática das Redes Dialéticas, apresentarei o grafo dialético.

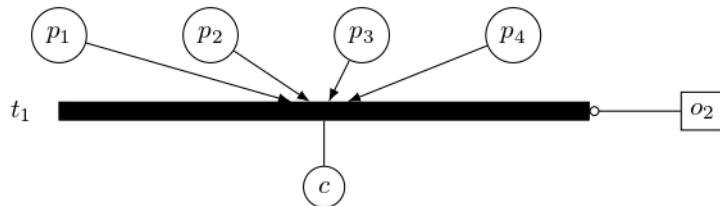


Figura 4 – Representação diagramática da Solução da Colocação Modal

Fonte: Elaboração própria

## 4 O grafo dialético

O diagrama dialético pode ser apresentado sob a forma de uma estrutura – o grafo dialético – o que facilita a sua utilização computacional.

Uma rede dialética  $R$  é uma sétupla  $\langle A, B, C, D, E, F \rangle$  tal que:

- A é o conjunto das asserções do proponente.
- B é o conjunto das asserções do oponente.
- C é o conjunto das transições.
- $D \subseteq (A \times C) \cup (B \times C)$  é o conjunto das pré-transições de defesa.
- $E \subseteq (A \times C) \cup (B \times C)$  é o conjunto das pré-transições de ataque.
- $F \subseteq (C \times A) \cup (C \times B)$  é o conjunto das pós-transições.
- Uma rede dialética  $R = \langle A, B, C, D, E, F \rangle$  está sujeita às seguintes restrições:
- $A \neq \emptyset$ , ou seja, a menor rede dialética é aquela em que alguém (o proponente) asseriu algo.
- $A \cap B = A \cap C = B \cap C = \emptyset$ , ou seja, as designações para as asserções do proponente, as asserções do oponente e as transições são todas distintas.
- $D \cap E = \emptyset$ , ou seja, uma asserção não pode operar como ataque e como defesa de uma mesma asserção.

A representação por grafo dialético da Solução do Fiador (ver o diagrama dialético da Figura 3) é  $\langle \{p_1, p_2, p_3, p_4, c\}, \{o_1\}, \{t_1, t_2\}, \{\langle p_1, t_1 \rangle, \langle p_2, t_1 \rangle, \langle p_3, t_1 \rangle, \langle p_4, t_1 \rangle\}, \{\langle o_1, t_2 \rangle\}, \{\langle t_2, p_2 \rangle, \langle t_1, c \rangle\} \rangle$ .

A representação por grafo dialético da Solução da Colocação Modal (ver o diagrama dialético da Figura 4) é  $\langle \{p_1, p_2, p_3, p_4, c\}, \{o_2\}, \{t_1\}, \{\langle p_1, t_1 \rangle, \langle p_2, t_1 \rangle, \langle p_3, t_1 \rangle, \langle p_4, t_1 \rangle\}, \{\langle o_2, t_1 \rangle\}, \{\langle t_1, c \rangle\} \rangle$ .

## 5 A nova versão das Redes Dialéticas

Quer-se distinguir claramente as ações relativas aos argumentos das ações relativas às asserções. Entretanto, argumentos e asserções podem ser aproximados no sentido que Proponente e Oponente *sustentam* tanto asserções como argumentos. Desde que os círculos, no caso do Proponente, e os quadrados, no caso do Oponente são utilizados para representar a *sustentação* de asserções, uma solução diagramática natural ao problema posto é representar um argumento *sustentado* pelo Proponente mediante um círculo no interior do qual o argumento está representado, e representar um argumento *sustentado* pelo Oponente mediante um quadrado no interior do qual o argumento está representado.<sup>8</sup> Pode-se, desse modo, distinguir claramente a ação sobre argumentos da ação sobre asserções e, ao mesmo tempo, manter simples o mecanismo de representação das Redes Dialéticas. Na próxima subseção refaço, sob esta nova perspectiva, o diagrama dialético da Solução da Colocação Modal ao Argumento Cético da Antevisão Divina, na qual ocorre um ataque ao Argumento Cético da Antevisão Divina como um todo.

A solução aqui proposta traz o benefício adicional de tornar desnecessárias, e mesmo impossíveis, transições “híbridas”, transições que recebem tanto ações de ataque como ações de defesa.<sup>9</sup> Na sua versão original, as transições “híbridas” eram, não apenas possíveis, mas inclusive necessárias toda vez em que havia uma ação relativa a um argumento.

Desde que as transições “híbridas” não são mais possíveis, pode-se deslocar as representações de ataque e de defesa das pré-transições para as pós-transições, ou seja, aos invés das representações de ataque e de defesa ingressarem em transições (neste caso elas são elementos pré-transicionais), elas saem das transições (neste caso elas são elementos pós-transicionais).

Essas modificações também permitem adotar a transição como o *Ersatz* do argumento do qual ela participa, e isso permite representar o ataque (a defesa) de um argumento como um todo, no grafo dialético, mediante uma representação de ataque (defesa) que sai de uma transição para ingressar em outra transição, a saber, a transição que é o *Ersatz* do argumento atacado (defendido).

8 Basta observar o que se encontra no interior do círculo ou do quadrado atacado ou defendido, se uma asserção ou um argumento.

9 A transição  $t_1$  na Figura 4 é um exemplo de transição “híbrida”.

Essas modificações podem ser melhor apreciadas nos exemplos a seguir, uma retomada dos exemplos da Seção 3.

### 5.1 O novo diagrama dialético

A Figura 5 apresenta o novo diagrama dialético da Solução do Fiador. Compare-o com o diagrama dialético original da Figura 3. A única diferença entre eles é o deslocamento das representações de ataque e de defesa das pré-transições para as pós-transições, pelas razões apresentadas nos parágrafos anteriores.

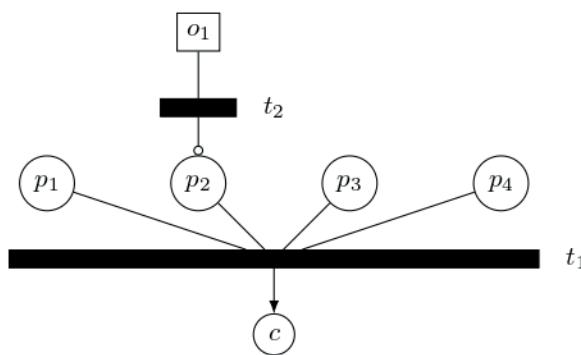


Figura 5 – Nova representação diagramática da Solução do Fiador

Fonte: Elaboração própria

A Figura 6 apresenta o novo diagrama dialético da Solução da Colocação Modal. Compare-o com o diagrama dialético original da Figura 4. Além do deslocamento das representações de ataque e de defesa das pré-transições para as pós-transições, também caracterizei o Argumento Cético da Antevisão Divina como um alvo de ações como um todo, e não apenas as suas asserções<sup>10</sup>. No grafo dialético da Figura 6 isso foi realizado pela inscrição do argumento em um círculo<sup>11</sup>.

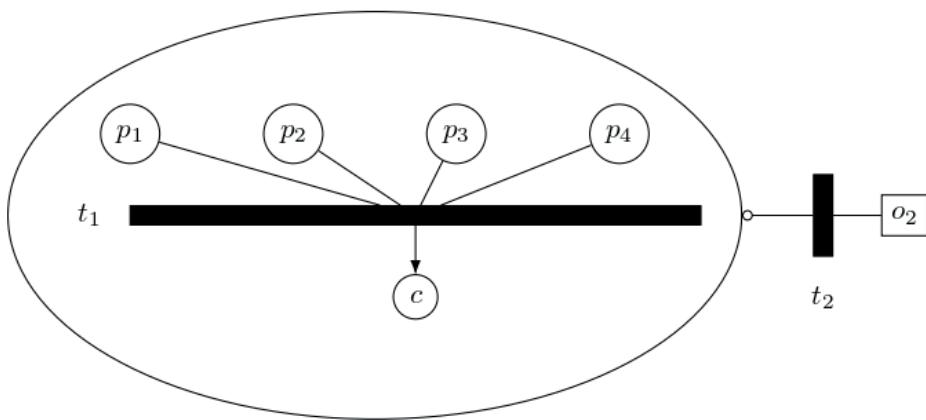


Figura 6 – Nova representação diagramática da Solução da Colocação Modal

Fonte: Elaboração própria.

10 Observe-se que nem todos os argumentos precisam receber tal representação, mas apenas aqueles que são alvo de ações de ataque e de defesa.

11 Por comodidade e para poupar espaço, utilizei uma elipse em lugar de um círculo, mas isso não causa maiores dificuldades, pois se pode redefinir que as representações de asserções e de argumentos do Proponente se darão mediante elipses (em que os círculos são casos particulares de elipses), enquanto que as representações de asserções e de argumentos do Oponente se darão mediante retângulos (em que os quadrados são casos particulares de retângulos).

## 5.2 Grafo dialético

O grafo dialético continua a ser expresso por uma estrutura, só que uma héptupla ao invés de uma sêxtupla.

Uma rede dialética  $R$  é uma estrutura  $\langle A, B, C, D, E, F, G \rangle$  tal que:

- $A$  é o conjunto das asserções do proponente.
- $B$  é o conjunto das asserções do oponente.
- $C$  é o conjunto das transições de ataque.
- $D$  é o conjunto das transições de defesa.
- $E \subseteq (A \times C) \cup (A \times D) \cup (B \times C) \cup (B \times D)$  é o conjunto das pré-transições.
- $F \subseteq (C \times A) \cup (D \times A) \cup (C \times B) \cup (D \times B)$  é o conjunto das pós-transições relativamente a asserções.
- $G \subseteq (C \times C) \cup (C \times D) \cup (D \times C) \cup (D \times D)$  é o conjunto das pós-transições relativamente a argumentos.

Uma rede dialética  $R = \langle A, B, C, D, E, F, G \rangle$  está sujeita às seguintes restrições:

- $A \neq \emptyset$ , ou seja, a menor rede dialética é aquela em que alguém (o proponente) asseriu algo.
- $A \cap B = A \cap C = A \cap D = B \cap C = B \cap D = C \cap D = \emptyset$ , ou seja, as designações para as asserções do proponente, as asserções do oponente, as transições de ataque e as transições de defesa são todas distintas.
- $\forall x \forall y (\langle x, y \rangle \in G \rightarrow \neg \exists z \langle x, z \rangle \in F)$ , ou seja, uma transição utilizada para atacar (ou defender) um argumento não pode ser utilizada para atacar (ou defender) uma asserção.

A nova representação por grafo dialético da Solução do Fiador (ver o diagrama dialético da Figura 5) é  $\langle \{p_1, p_2, p_3, p_4, c\}, \{o_1\}, \{t_2\}, \{t_1\}, \{\langle p_1, t_1 \rangle, \langle p_2, t_1 \rangle, \langle p_3, t_1 \rangle, \langle p_4, t_1 \rangle, \langle o_1, t_2 \rangle\}, \{\langle t_2, p_2 \rangle, \langle t_1, c \rangle\}, \emptyset \rangle$ . A única modificação em relação à representação original por grafo dialético (ver Seção 4) é o deslocamento das representações de ataque e de defesa das pré-transições para as pós-transições, o que se faz mediante a distinção entre transições de ataque e transições de defesa.

A nova representação por grafo dialético da Solução da Colocação Modal (ver o diagrama dialético da Figura 6) é  $\langle \{p_1, p_2, p_3, p_4, c\}, \{o_2\}, \{t_2\}, \{t_1\}, \{\langle p_1, t_1 \rangle, \langle p_2, t_1 \rangle, \langle p_3, t_1 \rangle, \langle p_4, t_1 \rangle, \langle o_2, t_2 \rangle\}, \{\langle t_1, c \rangle, \langle t_2, t_1 \rangle\} \rangle$ . Aqui as modificações em relação à representação original por grafo dialético (ver Seção 4) é mais substantiva do que no exemplo anterior: além do deslocamento das representações de ataque e de defesa, representamos o ataque ao Argumento Cético da Antevisão Divina como um todo com o par  $\langle t_2, t_1 \rangle$ , que indica um ataque saindo da transição de ataque  $t_2$  e dirigindo-se à transição de defesa  $t_1$ , esta última o *Ersatz* do argumento atacado.

## 6 Argumentação real anotada na nova versão das Redes Dialéticas

Vejamos um exemplo de argumentação real anotada na nova versão das Redes Dialéticas. Ela está relacionada a um vivo debate ocorrido no início da década de 1960 entre um juiz de alta corte britânica – Patrick Devlin, conhecido pelo seu título honorífico “Lord” Devlin – e um dos fundadores da jusfilosofia de linhagem analítica – Herbert Hart. O debate foi suscitado pelo Relatório Wolfenden, que propunha uma reforma na legislação sobre crimes sexuais. Essa reforma estava amparada na Tese da Separação entre Direito e Moral. A Figura 7 e o respectivo Quadro 1 resumem a argumentação apresentada por Devlin em “Morals and the Criminal Law”, um texto apresentado em 1959. No diagrama dialético da Figura 7, Devlin faz o papel de Oponente, enquanto que o Proponente é um defensor fictício da Tese da Separação entre Direito e Moral.

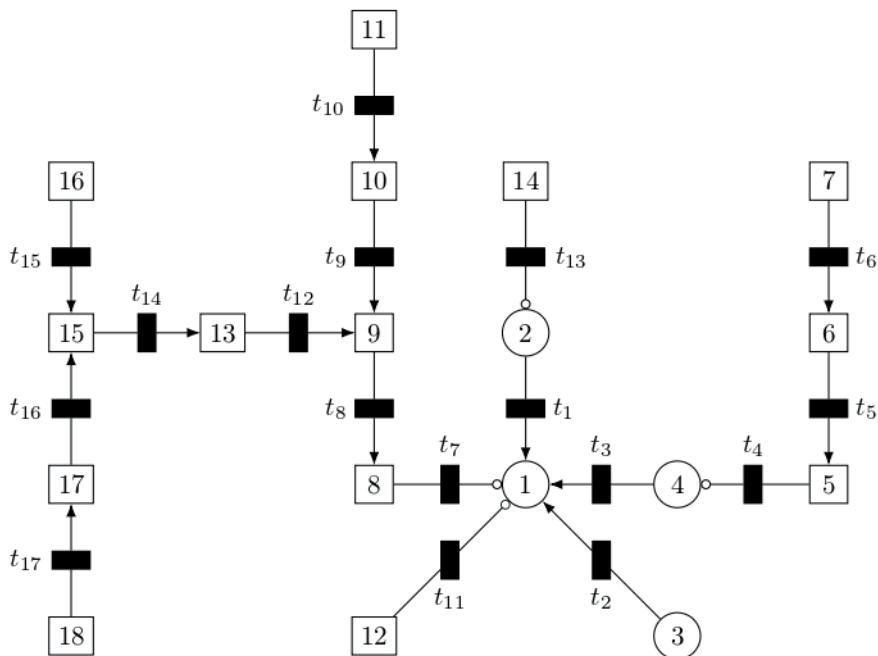


Figura 7 – Diagrama dialético de Devlin (1972)

Fonte: Elaboração própria

#### Quadro 1 – Quadro correspondente ao diagrama dialético de Devlin (1972)

01	As esferas religiosa e secular (Devlin, 1972, p. 3), moral privada e legal (DEVLIN, 1972, p.3), e espiritual e temporal (Devlin, 1972, p. 4) são separadas, independentes.
02	Esta separação promove a liberdade de ação e de escolha (Relatório Wolfenden <i>apud</i> Devlin, 1972, p. 2).
03	A função da lei é [meramente] preservar a ordem pública e a decência, proteger o cidadão daquilo que é ofensivo e injurioso, e prover suficiente proteção contra a exploração e a corrupção dos outros (Relatório Wolfenden <i>apud</i> Devlin, 1972, p. 2).
04	Lei e moral perseguem objetivos distintos, ainda que, circunstancialmente, possam coincidir (Devlin, 1972, p. 5).
05	A lei está interessada na moral (Devlin, 1972, p. 6).
06	Por exemplo, o consentimento de uma vítima não é excusa para o criminoso (Devlin, 1972, p. 6).
07	A violação de um princípio moral é uma ofensa à sociedade mais do que uma ofensa ao indivíduo (Devlin, 1972, p. 6-7).
08	O que se denomina “moralidade privada” [pelos defensores da tese da separação] deveria ser melhor descrita como “comportamento privado em assuntos de moral” (Devlin, 1972, p. 8-9).
09	Há uma [genuína] moralidade pública e ela é relevante para a lei (Devlin, 1972, p. 9).
10	Sem uma moralidade pública não haveria sociedade, a sociedade se desintegraria (Devlin, 1972, p. 10).
11	A história testemunha que a perda dos laços morais é o primeiro estágio da desintegração de uma sociedade (Devlin, 1972, p. 13).

12	Não há limites teóricos para o Estado legislar sobre a imoralidade (Devlin, 1972, p. 12-14).
13	A moralidade pública é dada pela moralidade do homem razoável [ <i>reasonable man</i> ], ela é dada pela moralidade do homem sensato [ <i>right-minded man</i> ] (Devlin, 1972, p. 15).
14	A liberdade de escolha é limitada por sua consistência com a integridade da sociedade (Devlin, 1972, p. 16).
15	Os julgamentos da sociedade são ditados pelo senso comum e não pela razão (Devlin, 1972, p. 17).
16	A moralidade pública pode ser alterada intergeracionalmente (Devlin, 1972, p. 18).
17	Nos assuntos morais a lei deve ser conservadora, ou seja, ela deve ser lenta em promover mudanças (Devlin, 1972, p. 18).
18	A nova geração pode não ser bem-sucedida na estabilização de mudanças na moral pública (Devlin, 1972, p. 18).

**Fonte:** Elaboração própria

## 7 Considerações finais

Uma diretriz do projeto das Redes Dialéticas consistiu em não oferecer nenhuma primitiva representacional que não fosse estritamente requerida para a anotação da argumentação de uma discussão crítica típica. Outras ferramentas de anotação de argumentação contêm uma quantidade maior de primitivas representacionais; por exemplo, elas podem conter uma primitiva representacional para pares de asserções contraditórias entre si, o que é útil para identificar focos de dissensão, e elas podem conter uma primitiva representacional para asserções disjuntas umas das outras, o que é útil para identificar focos de escolha<sup>12</sup>.

Uma quantidade superior ao mínimo de primitivas representacionais traz, ao menos, duas dificuldades:

1. Geralmente essas primitivas representacionais que não são estritamente requeridas para representar uma discussão crítica típica não são apresentadas como uma expansão possível de um conjunto básico de primitivas representacionais, mas como partes de um todo indivisível. A “venda do pacote completo” é um empecilho adicional para a utilização da ferramenta por indivíduos antipáticos a ou aos quais falte destreza na utilização de métodos formais.
2. Primitivas representacionais para além de um conjunto básico podem não corresponder a nada na discussão crítica real representada, sendo meramente o resultado do trabalho do analista. É preciso decidir o que se quer: uma ferramenta para representar discussões críticas reais ou uma ferramenta para a análise e crítica de discussões críticas em geral. As Redes Dialéticas se enquadram no primeiro caso.

Não tenho uma prova, mas a minha experiência na utilização das Redes Dialéticas me leva a acreditar que elas são altamente modulares, ou seja, elas são capazes de receber novas primitivas representacionais quando a situação o exigir. Por exemplo, uma dada situação pode exigir um tratamento especial das definições<sup>13</sup>, outra situação pode requerer a inclusão de elementos de uma análise retórica<sup>14</sup>, em outra

12 A ferramenta de anotação de argumentação desenvolvida por Jacquette (2011) incorpora algumas dessas relações lógicas.

13 A longa exposição de Schopenhauer sobre a noção de liberdade (2021, p. 21-34), que precede a contraposição de suas teses acerca da liberdade em relação a teses rivais, é um bom exemplo de situação que pode requerer novos recursos incorporados às Redes Dialéticas.

14 Sobre uma ferramenta voltada para a Retórica, amplamente utilizada em análise do discurso, consultar (MANN;THOMPSON, 1988).

situação queremos utilizar as Redes Dialéticas para expressar lógicas em uma base dialógica<sup>15</sup>, e assim por diante. E tudo isso é possível mediante expansões das Redes Dialéticas que não exigem mudança em sua operação básica. Simplicidade e modularidade certamente estão entre os principais méritos das Redes Dialéticas.

## Referências

- CLERBOUT, Nicolas; MCCONAUGHEY, Zoe. Dialogical logic. In: ZALTA, Edward; NODELMAN, Uri (eds.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2022 Edition)*. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2022/entries/logic-dialogical/>. Acesso em: 10 de jan. de 2025.
- DEVLIN, Patrick. Morals and the Criminal Law. In: DEVLIN, Patrick. *The Enforcement of Morals*. Reprint. London, Oxford, New York: Oxford University Press, 1972. p. 1-25.
- JACQUETTE, Dale. Enhancing the Diagramming Method in Informal Logic. *Argument*, v. 1, n. 2, p. 327-360, 2011.
- KELSEN, Hans. Recht und Logik. *Neue Forum*, Wien, v. XII, n. 142, p. 421-425, n. 143, p. 495-500, 1965.
- MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. Teoria da estrutura retórica: em direção a uma teoria funcional da organização textual. *Texto: Revista Interdisciplinar para o Estudo do Discurso*, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.
- MATTHEWS, Gareth. *Santo Agostinho: A vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- PELDSZUS, Andreas; STEDE, Manfred. From Argument Diagrams to Argumentation Mining in Texts: A Survey. *International Journal of Cognitive Informatics and Natural Intelligence*, v. 7, n. 1, p. 1-31, 2013.
- REISIG, Wolfgang. *Understanding Petri Nets: Modeling Techniques, Analysis, Methods, Case Studies*. Berlin, Heidelberg: Springer, 2013.
- SAUTTER, Frank Thomas. Redes Dialéticas: Parte Estática. *Veritas*, Porto Alegre, v. 68, n. 1, p. 1-9, jan. – dez. 2023.
- SAUTTER, Frank Thomas. Kelsen contra a tese da logicalidade do direito. In: GELAIN, Itamar Luís; QUINTINO, Leonardo (orgs.). *Hans Kelsen: Ensaio em homenagem aos 50 anos da morte de Hans Kelsen (1973 – 2023)*. Londrina: Thoth, 2024. p. 197-208.
- SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a liberdade da vontade. Traduzido por Lucas Lazarini Valente, Eli Vagner Francisco Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2021.
- VAN EEMEREN, Frans H; GARSSEN, Bart. Putting Pragma-Dialectics into Practice. In: SOBOCAN, Jan (ed.) *Critical Thinking Education and Assessment: Can Higher Order Thinking be Tested?* 2<sup>nd</sup> ed. Windsor: University of Windsor, 2022. p. 237-254.

15 Consultar, por exemplo, (CLERBOUT; MCCONAUGHEY, 2022) para uma apreciação do potencial de expressão da semântica de operações clássicas e intuicionistas nas Redes Dialéticas.



# COGNITIO

Revista de Filosofia  
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2025  
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e70757>